

# Paschim.

76

Que amanhecedo a 4. de outubro de 667.  
andando o Povo amotinado contra  
as trayçoens do Conde de Castel m<sup>or</sup>.

Justica, Povo, justica; porque D<sup>s</sup>. a quer, porq<sup>e</sup> não he tyrano.  
E como se deitou o Conde do Paço? Por vos vender a paz por  
quinhentos mil cruzados; e Intentando matar a S<sup>m</sup>g<sup>da</sup>. seu Rey  
e a Infante com veneno. Fazey por deitar do Paço os Mi-  
nistros da Parcialidade do Conde, que são tam culpado como  
elle, porque estão enganando a S<sup>m</sup>g<sup>da</sup>. persuadindo q<sup>e</sup> não  
deixe por em termos de justica as graves culpas do Conde,  
em tanto dano de S<sup>m</sup>g<sup>da</sup>. e de todo este Reyno.

Justica, Povo, justica, porq<sup>e</sup> senão offende ninguém  
em pedir justica. Correy do Paço a pedilla a S<sup>m</sup>g<sup>da</sup>. e D<sup>s</sup>.  
guarde, antes que succeda algum grande trabalho.

A justica tudo faz  
E sem elle não ha paz.

---

## Relação.

### Do q<sup>e</sup> se passou no Inferno com a chegada do Esmoler mor.

Entrou aquella grande alma de D. Luiz de Souza no Infer-  
no; e apenas baixou ao Reyno das Penas, quando logo lhe  
sahio ao encontro seu irmão o Conde de Castelmelhor q<sup>e</sup> se van-  
do para o apozento, já p<sup>o</sup>. ambos constituído, se foram rachando  
com senhoias. Hinda lá q<sup>e</sup>ls Reyno das senhoias, sentam<sup>se</sup>

se ambos debaixo de hum do cel cor de fogo, com franja enxofra-  
da, e depois de feitas as costumadas reuerencias disse o Conde:  
Como viuestes irmão, e como acabastes? Ao q. respondeu D. Luiz:  
Irmão, viui como Bernardo, e morri como castor de Poluora,  
ou como bueno dicho, porque morri de repente. Como está meu  
filho no gouerno? (Replicou o Conde) Irmão (disse D. Luiz)  
já está fora delle, isso foi o q. me fez estar fora de mim; desca-  
bio, mas não da graça do Principe, visto senti menos q. aquil-  
lo, que o gouerno he o que mais cae em graça ao valido. Dizem  
mas linguas, que roubou o Reyno, sendo que si elle o aliuou da  
carga, e do peso q. tinha, que se o dinheiro e fazenda he car-  
ga, em tirarlha claro está, que o aliuou deste peso. Fez aos  
Homens o que deuem fazer os homens. Virtude he pobreza  
e se elle os fez pobres, por consequencia os fez virtuosos. Dizem  
que he o dinheiro sangue, ou remedio a sangria; se sangrou  
a Portugal porque tinha muito deste sangue. Remedio foi  
de Medico, satileza foi de sangrador. Tinha tomado os pul-  
sos a Republica, e das veias mais grossas, e entendeu q. esta-  
ua repleta; de necessario a hauiá de garetalla. Tambem dizem  
que vendeu a paz a Franca, e isto em q. o enganou? não he  
por ventura a paz fazenda de Ley? dizem q. com isto eter-  
nizou em Portugal a guerra; e se el Rey lhe tinha dado o Rey-  
no todo, do que já em seu bem podia fazer o que quizesse.  
O q. sey he, que a todos pos o sinal da Cruz; a hums fez lhos  
por nos peitos, e a outros fez lhos por na boca. Dizem teue  
tencas de matar o Infante, e algumas suspeitas true disse, porq.  
era homem, q. não podia ver infantes, q. ate aos dos torcos ma-  
taua a fome. E mais entendo que foi rara traia de seu zelo, por  
que ter os Leões famintos era para os fazer mais carniceiros.  
Dizem que consumio, ou sumio o dote da Rainha; andou

discreto, q̄ não era bem q̄ hum Rey aceitasse com tal senhora dote.  
 Demais q̄ queria ser Guardajoyas da Rainha, era obsequio,  
 q̄ lhe fazia, e não offensa com que a agravaava. Certo he q̄  
 sempre me pareceo bom Christo, pois todo o seu estudo e  
 todo o seu desvelo, qunba no seu sepulchro. Proca disto he  
 que sempre se aconselhou com gente de boa vida; pois Hen-  
 rique Henriquez de Miranda, seu familiar amigo, se foi  
 no meyo dos alagos da corte para o Retiro de hum deserto;  
 Homem tam milagroso que se fez de repente invisivel, tan-  
 do q̄ ninguem havia que o pudesse ver! Em fim vosso p̄. se  
 retirou, e ficou todo o Reyno chorando pelo que lhe leuou, e não  
 porq̄ elle se hia. Bom he (respondeo o Conde) que se aprovei-  
 tasse, que nós os q̄ hemos vir ao Inferno, devermos fazer no  
 mundo a nossa gloria. Dizeime como fica a sra Mar-  
 queza? Tam verde (dize D. Luis) que com ser a Rainha  
 hum a sombra, se a sombra de uella. E de simão q̄ noti-  
 cias me dais? (perguntou o Conde) Que he (dize D. Luis)  
 tam valente que a soueta Capitães, e tam prudente q̄ até  
 das occasiões foge. Daimo novas de nosso irmão o Bpo  
 (respondeo o Conde) He tam bom varão (dize D. Luis)  
 que dizem todos que está no estado da innocencia. E  
 voi (dize o Conde) porque viestes aqui, sendo Religioso?  
 Ob, que respondeo D. Luis. Porque não fui Fr. Luis, se-  
 não D. Luis; e sou o primeiro Esmoler, que veyo por  
 suas mãos ao Inferno. Nam vim aqui por esmoler, se-  
 não por mór, o mór me condenou, e não o Esmoler. Gas-  
 tey em hum jardim trinta mil cruzados, que tirey da boca  
 dos pobres para andar na boca de todos. Fiz tenças a vos-  
 sos filhos, para pagar agora estas pensões; e não fiz beneficio  
 a alguem salvo os que dei no governo de Evora, mas to-  
 dos se levarão por seu justo preço, em fim fiz outras cou-  
 zas

Zas, que repito por Laus in ore proprio. Vosso filho ofonde cedovi-  
ra a darvos noticias do Mundo, que como todo lo gouerna  
do do lo sabe, Enos comecemos a padecer penas eternas.

## Sentença do P.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> Vieira da Companhia de IESV.

- 1 Relataua a s<sup>ca</sup> que o P.<sup>o</sup> Ant.<sup>o</sup> Vieira foy preso por senas querer  
desdizer de noue proposicoes Hereticas, que em hum papel seu escre-  
uera, e sendo depois de estar recolhido na cella do segredo, o P.<sup>o</sup> se  
resolueu com mais contumacia a defender outras proposicoes, pe-  
dindo tempo para responder, e q<sup>o</sup> offerreera sesenta cadernos em  
deposta, nos quaes continha nouenta e cinco proposicoes Hereti-  
cas, erroneas, e mal soantes contra a Escritura e N. P.<sup>o</sup> as qua-  
es se repetiraõ no Processo como elle as propunha, e do modo  
com que se theustificaraõ, e por serem em varias materias as  
proposicoes he impossivel relata-las; q<sup>o</sup>rem direy q<sup>o</sup> Lebra.
2. Dezia q<sup>o</sup> em Portugal hauiã resucitar hum Principe  
o qual hauiã de conueter os Tribus, de q<sup>o</sup> ha dous mil annos  
senas sabe. E q<sup>o</sup> entãõ hauiã de hauer paz na Igreja; e que  
athegora a não hauiã nella; E q<sup>o</sup> este Principe hauiã de  
fazer quinto Imperio. E q<sup>o</sup> a Igreja hauiã de ser cabeça delli;  
E que hauiã neste tempo abraçar Roma, e o Principe hauiã  
destruir o Turco e hauiã acabar o Imperio de Alemamba, e  
ser senhor do mundo todo, E que elle e seus successores  
hauiã de conueter os Judcos a Fe de Christo, e não Enoc,  
e Elias; e estes hauiã de ser os Pregadores ordinarios.
3. E no tempo deste Principe hauiã de hauer Igreja no-  
ua, porque a presente só em esposa de Christo, e q<sup>o</sup> a sua  
hauiã